

PROJETO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO PENSIONATO NOSSA CASA DE PELOTAS/RS

MARINA PINTO TOMAZ¹; MARIANA DE MORAES LEALDINO²; PABLO HENRIQUE GIMENES PINHEIRO³; SÍLVIA PORTO MEIRELLES LEITE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – marinatomaz40@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – mariana.lealdino@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – binhogimenes97@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste projeto é aproximar e compartilhar ideias de universitárias que não são de Pelotas e moram juntas em uma pensão, com um perfil colaborativo no *Instagram*. Com isso, busca-se trazer a perspectiva delas sobre a cidade de Pelotas através do cotidiano de cada uma. A comunidade escolhida foi o pensionato Nossa Casa, localizado no Centro de Pelotas. Essa escolha se deu por meio das diferentes percepções das meninas sobre a cidade, mas que também pertencem a Pelotas por conta da fase de vida em que estão, no caso a faculdade (todas estudam na UFPel). Outro ponto a ser ressaltado para a aplicação do projeto foi a pluralidade cultural, que por meio de costumes, sotaques de cada retrataram a miscigenação do país. Por isso, a proposta envolve um perfil coletivo no *Instagram* para que elas possam compartilhar suas rotinas e reflexões/olhares sobre Pelotas através de imagens e legendas. No total são quatro meninas: uma de Rondônia, uma de Bagé, uma de São Paulo e outra do Piauí.

A comunidade escolhida para a aplicação foi o pensionato Nossa Casa que está há 8 anos sob o comando de um casal de aposentados. Eles encontraram em sua casa central, que tem nove quartos, uma verba extra no final do mês e acolher jovens do Brasil vindo estudar na cidade. Para contextualizar o termo comunidade, utilizamos Peruzzo (2002) na qual explica que as “comunidades” são de grande densidade e complexidade teórica e histórica, pois passam por um momento de transformações, essas ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequam a estudos de conceitos clássicos. Para a autora, os aspectos das comunidades estão sendo recriados, ou seja, possui uma dinâmica inovação e personalização de comunidades em processo correlato ao da globalização.

O termo comunidade passa então a ser utilizado em várias perspectivas e sem rigor conceitual.

Tem servido para referenciar qualquer tipo de agregação social, por vezes, servindo mais como termo ou expressão decorativa visando chamar a atenção ou passar um “ar” de atualidade. Tem sido usado na tentativa de explicar fenômenos os mais diversos. Por vezes é empregado como sinônimo de sociedade, organização social, grupos sociais ou sistema social. É também utilizado para designar segmentos sociais como por exemplo, comunidade universitária, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade de informação, comunidade científica, comunidades dos artistas etc. Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de “comunidades virtuais”, entre outros. (PERUZZO, 2002, p. 2)

Tendo em vista isso, é possível observar que as novas formas de organização social, alteram determinados paradigmas e indicam a necessidade de repensar esses conceitos. Por exemplo, a noção de territorialidade, enquanto uma das características centrais de comunidade, passa a não ter mais um valor universal. Pensadores clássicos acerca desses estudos, apontam cada um à sua vez, tópicos para um agrupamento social seja tomado como “comunidade”. Porém, para Peruzzo (2002), falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades e de sentido coletivo das relações. Esse foi o principal aspecto para procedermos na escolha da nossa comunidade e aplicar o projeto, o relacionamento entre as participantes.

A autora também traz discussões acerca de comunicação comunitária, o que integra perfeitamente ao objetivo desse projeto. Para Peruzzo (2009), as manifestações da comunicação comunitária — do vídeo popular e da rádio livre ou comunitária ao website colaborativo ou ao jornal alternativo de circulação regional ou nacional — expressam o protagonismo de segmentos populacionais descontentes com o *status quo*. Ocorrem no bojo de lutas populares a partir dos lugares de vivências cotidianas nas localidades e em outros espaços de relacionamentos, como o ciberespaço.

São processos de comunicação constituídos no âmbito de movimentos sociais populares e comunidades de diferentes tipos, tanto as de base geográfica, como aquelas marcadas por outros tipos de afinidades. É sem fins lucrativos e tem caráter educativo, cultural e mobilizatório. Envolve a participação ativa horizontal (na produção, emissão e na recepção de conteúdos) do cidadão, tornando-se um canal de comunicação pertencente à comunidade ou ao movimento social e, portanto, deve se submeter às suas demandas. (PERUZZO, 2009, p. 141)

Com as novas tecnologias, cresce a produção coletiva de conteúdo na internet por meio da comunicação comunitária. As novas manifestações alternativas de comunicação comunitária, ao incorporar suportes digitais e interativos em tempo real, integram não só conteúdos diferenciados a partir de novos olhares tendo em vista a desalienação mas também novos procedimentos de ação na construção e na difusão de mensagens, na socialização de conhecimentos técnicos (e outros) e na instituição de novas relações sociais de produção que põem em suspensão a hierarquia e a burocracia tradicional. As possibilidades de novos formatos, principalmente por meio de mecanismos do hipertexto e alta interatividade, dão novo ânimo e nova cara. A comunicação comunitária é parte de um processo amplo de mudanças que atualiza o interesse social por democracia, inclusive a comunicacional. Novas práticas atualizam as formas de comunicação de segmentos subalternos da sociedade e aprimoram as proximidades entre a comunicação popular e a comunitária.

Como forma de integração da teoria com a prática o projeto aplicado no pensionato Nossa Casa ilustra de maneira simples e realista a maneira com que o avanço da tecnologia impactam diretamente cada vez mais o nosso cotidiano. Iniciativas assim afetam os mais diversos públicos e tópicos, como educação e cultura, que possuem como fator crítico para seu funcionamento a colaboração e a interação entre os usuários, criando relações sociais.

2. METODOLOGIA

O projeto foi aplicado por um grupo de três alunos de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, um do 5º e os outros dois do 7º semestre do

curso para a avaliação final da disciplina optativa de Educomunicação. A metodologia aplicada para realização do projeto foi em duas etapas: primeiro um encontro expositivo e teórico e o segundo para avaliações.

O primeiro encontro ocorreu dia 17 de julho na sala do pensionato, reunimos as quatro participantes e os integrantes do grupo para uma breve apresentação de cada um dizendo nome, idade, cidade natal e o que estuda na UFPel. Após apresentações começamos o desenvolvimento da proposta e sua aplicação. O material da apresentação que ministramos foi disponibilizado em PDF e compartilhado na tela da Tv da sala para que todos pudessem visualizar. Foi realizada uma breve apresentação sobre Redes Sociais com referências de RECUERO (2014) do artigo intitulado “Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no *Facebook*”. Seguindo nessa linha, apresentamos um vídeo do Fernando Grostein Andrade que conceitua o que é *Fake News* e logo após partimos para questionamentos e reflexões acerca dos cuidados que devemos ter com o que é compartilhado nas redes. Foi apresentado o caso de Fabiane de Jesus, uma vítima do efeito das *Fake News*, para ilustrar e aproximar da realidade brasileira. As ouvintes participaram ativamente durante o processo e na conclusão da apresentação reflexionaram que quando se trata de compartilhar notícias, não se deve ser leviano, que quando fazemos isso, assumimos a responsabilidade pelo que compartilhamos.

No terceiro momento, conversamos com as participantes sobre a proposta do projeto e o produto de mídia que a comunidade delas deveria fazer (tarefa obrigatória na avaliação final da disciplina). Com unanimidade, a ideia de fazer um perfil colaborativo da pensão no *Instagram* foi aprovada. Explicamos como funciona plataforma e sua interface, felizmente, todas já possuíam perfil pessoal na rede, o que facilitou na prática da atividade. A proposta de conteúdo feita a elas foi que compartilhassem um pouco da rotina com imagens das ruas da cidade, de alguma atividade que realizam na pensão, etc. Juntamente com a foto, solicitamos que a usuária que for compartilhar deixe também uma reflexão e no final finalize com emojis e hashtags, ambos artifícios importantes para maior alcance na plataforma. Na mesma noite, auxiliamos as participantes na criação do perfil e a escolha do nome e avatar ficou por conta delas que intitularam de “Cafófo 2548”.

O segundo encontro ocorreu dia 24 de julho novamente na sala do pensionato com as quatro participantes do projeto e o grupo de alunos responsável pela monitoria. Esse encontro girou entorno dos feedbacks sobre o processo do projeto até o produto final, houve diálogo e muita troca de experiência entre as participantes. É importante ressaltar, que durante o período que não tivemos encontro com as participantes, foi criado um grupo no WhatsApp com todos para auxiliar em qualquer dúvida e acompanhar o andamento do produto midiático.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No perfil colaborativo do *Instagram*, obtiveram 35 seguidores, 3 imagens postadas e utilizaram o recurso de *Stories* da plataforma para compartilhar receitas e dicas de filme. Utilizaram a redação em todas as etapas, colocando legendas nas fotos, emojis e hastags conforme solicitamos.

Desde o convite feito ao encontro de avaliação, as participantes do projeto se disponibilizaram e se propuseram a realizar a tarefa da melhor forma. É importante ressaltar o vínculo que foi ainda mais fortalecido entre as participantes durante as atividades. Embora o grupo de participantes da comunidade tenha sido

pequeno, foi de grande valia a proposta do projeto. Quando explicamos o que gostaríamos que elas produzissem, e que era uma oportunidade de emprestarem um olhar sobre a cidade que iria ser diferente da dos pelotenses, elas demonstraram ainda mais interesse por muitas vezes terem a carência de expor situações e não terem um canal para isso.

O conteúdo produzido pelas participantes foi simples, em virtude de todas possuirem uma rotina corrida cada uma utilizou seu celular para fazer as imagens e edição de cada post. A produção de conteúdo teve dentro os temas: gastronomia, paisagens de Pelotas, curiosidades do pensionato e pensamento do dia. Outro ponto que deixamos à critério delas foi assinar ou não cada postagem, todas concordaram em deixar no anonimato e nosso grupo respeitou a escolha das participantes.

O projeto foi de extrema valia, pois levamos para uma comunidade de pessoas que muitas vezes se sentem extremamente solitárias por não estarem inseridos em suas culturas originais, um canal de comunicação para que possam expor o seu cotidiano, relatando experiências pessoais, da comunidade, e até mesmo da cidade. No segundo encontro, observamos o resultado entre elas que por meio de seus diferentes sobre Pelotas e o pensionato em que vivem, fez com que houvesse maior diálogo e aproximação, criando uma afetividade e união ainda maior.

4. CONCLUSÕES

O objetivo deste projeto foi aproximar e compartilhar ideias de universitárias que não são de Pelotas e moram juntas em uma pensionato no centro da cidade através de um perfil colaborativo no *Instagram*. O envolvimento das participantes foi excelente, o que culminou para o êxito ao encerramento do projeto. Tanto as discussões que o grupo proponente apresentou, quanto os questionamentos e manifestações das participantes, culminaram para a realização dessa comunicação comunitária por meio do produto midiático. Além disso, por meio do projeto foi possível dar visibilidade a uma forma de moradia que é muito comum na cidade, os pensionatos, e também a vida de estudantes de fora de Pelotas. Uma forma simples de comunicar com esse público que anualmente aumenta na cidade e é acolhido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso** (Unisinos, Online), v. 28, p. 114-124, 2014.

PERUZZO, C. M. K. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, 2009.

PERUZZO, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. **Livro Comunicación y movimientos populares: ¿Quais Redes?**, Porto Alegre (Editora Unisinos), p. 275-298, 2002.